



A CONSTANTE EUROCÊNTRICA? UMA APROXIMAÇÃO AO ESTUDO DA LITERATURA MOÇAMBICANA ATRAVÉS DE ARTIGOS EM REVISTAS ACADÉMICAS PARA A REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA

THE EUROCENTRIC CONSTANT? AN APPROACH TO THE STUDY OF MOZAMBICAN LITERATURE THROUGH ARTICLES IN ACADEMIC JOURNALS FOR EPISTEMOLOGICAL REFLECTION

¿LA CONSTANTE EUROCÉNTRICA? UNA APROXIMACIÓN AL ESTUDIO DE LA LITERATURA MOZAMBICANA A TRAVÉS DE LOS ARTÍCULOS EN REVISTAS ACADÉMICAS PARA UNA REFLEXIÓN EPISTEMOLÓGICA

Helena González Doval¹

RESUMO

O estudo da literatura moçambicana está presente em diversas latitudes dentro do mundo acadêmico. Existem, porém, diferentes olhares e interesses que devem ser analisados se quisermos dar conta das epistemologias presentes ao enfrentar uma realidade pós-colonial como é Moçambique. Conhecendo as possibilidades dos textos literários como informação cultural codificada e dos agentes acadêmicos como legitimadores de discursos, oferece-se a análise dum corpus elaborado com publicações acadêmicas sobre literatura moçambicana entre 1975 e 2018, aprofundando na possível existência duma constante eurocêntrica dentro do saber acadêmico e propondo alguns eixos de atuação de relevante potencialidade pedagógica e autorreflexiva sobre o próprio exercício investigador e a epistemologia procurada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura moçambicana, Epistemologia, Academia.

ABSTRACT

The study of Mozambican literature is present in various latitudes within the academic world. There are, however, different looks and interests that must be analyzed if we want to account for the epistemologies present when facing a post-colonial reality such as Mozambique. Considering the possibilities of literary texts as codified cultural information and the role of academic agents as legitimators of discourses, we analyse a corpus of academic publications on Mozambican literature between 1975 and 2018, delving into the possible existence of a Eurocentric constant within academic knowledge and offering some lines of thought of relevant pedagogical and self-reflective potentiality on the investigative exercise itself and the appropriate epistemology.

KEYWORDS: Mozambican literature, Epistemology, Academy.

¹ Grupo Galabra – Universidade de Santiago de Compostela, hegondo@hotmail.com



RESUMEN

El estudio de la literatura mozambiqueña está presente en varias latitudes dentro del mundo académico. Sin embargo, existen diferentes miradas e intereses que susceptibles de ser analizadas si queremos atender a las epistemologías presentes ante una realidad poscolonial como Mozambique. Conociendo las posibilidades de los textos literarios como información cultural codificada y de los agentes académicos como legitimadores de discursos, ofrecemos el análisis de un corpus elaborado con publicaciones académicas sobre literatura mozambiqueña entre 1975 y 2018, en la posible existencia de una constante eurocéntrica dentro del conocimiento académico y proponer algunos ejes de acción de relevante potencialidad pedagógica y autorreflexiva sobre el propio ejercicio investigativo y la epistemología buscada.

PALABRAS-CLAVE: Literatura mozambiqueña, Epistemología, Academia.

É nosso objetivo principal responder às perguntas de quem estuda, o que estuda e como é estudada a literatura moçambicana, formulação que deve incluir concomitantemente múltiplas hipóteses, coordenadas e cronologias. Tentaremos determinar quais são os temas tratados e aproximar-nos das possíveis óticas adotadas para oferecer assim uma proposta pedagógica a seguir por docentes e investigadores/as neste âmbito. Visar-se-á saber que tipo de olhares se formam sobre Moçambique através da focagem prestada em textos académicos que estudam o sistema literário deste país. Procuramos saber em que medida estes olhares ajudam a conseguir a autonomia com respeito a moldes ocidentais a um território considerado do Terceiro Mundo, cujo processo de independência e descolonização são relativamente recentes e, no caso deste último, ainda presente na forma do neocolonialismo (GASPERINI, 1989). Partimos, de fato, duma hipótese fundamentada num prejuízo histórico herdado do colonialismo e na baixa qualidade de vida dos/as moçambicanos/as (DOMINGOS, 2013, p.27): a de que existe um grande peso do neocolonialismo, o que pode estar presente nas perspectivas que se adotam ao falar da literatura deste país.

Assim, no quadro duma procura de confiabilidade e aplicabilidade dentro da investigação na literatura, utilizaremos uma metodologia baseada no desenvolvimento de técnicas empíricas aplicadas à investigação em ciências humanas. Isto implica a recolha de informação de tipo quantitativo que, utilizando ferramentas estatísticas, nos permita contrastar dados sistematicamente e assim submeter à verificação os nossos pressupostos ou hipóteses, buscando relacionamentos e inter-relações (TORRES 2012, p. 162).

1. A academia e o poder

Tratamos dois componentes concretos dentro da instituição literária: o texto académico e o/a investigador/a em literatura, como produtos e atores sociais determinantes para compreender os lugares que ocupam na cultura os textos literários e os repertórios que se formam a partir

destes. Tal e como propõe Pierre Bourdieu (1984), estes dois elementos – textos académicos e agentes sociais – estão inseridos dentro de uma instituição que se configura como um campo de poder dentro da sociedade. Para o investigador francês, um campo² funciona com leis específicas e em base a uma estrutura de relação de lutas entre agentes e instituições que, no caso da academia, formam e institucionalizam uma constante tensão entre o conhecimento e o controle do mesmo.

A academia funciona como uma entidade com poder, cada vez mais limitado e compartilhado, de impor as suas normas culturais (BOURDIEU, 2002, p. 33), pois são os atores sociais dentro desta quem, através do estudo das mesmas, seleciona as obras que serão conservadas ou aquelas que atingem uma maior representação social. A academia não é só lugar de difusão e transmissão, mas, a própria existência de obras consagradas e de regras que definem e modelam os gostos, converte-a numa instituição de legitimação e consagração.

Ainda, pretendemos aqui oferecer algumas linhas de força sobre as perspectivas dos atores sociais da academia que se têm ocupado dos textos literários moçambicanos, que possam contribuir para entender como é que funciona a academia dentro de Moçambique, que textos e que repertórios são consagrados, qual é o papel consagrador dos/as académicos/as moçambicanos/as e até onde chega a sua produção. E qual o grau de similitude entre os interesses do âmbito das/os investigadoras/es moçambicanas/os e os das pessoas de fora do país. Por outra, sobre que interesses há na sua presença e que repertórios se criam ao seu respeito? Dito por palavras mais concretas: a ‘agenda’ dos estudos literários moçambicanos realizados fora de Moçambique marca a expressão de interesses do âmbito académico moçambicano? Lembramos, também, como informação relevante, que falando de Moçambique tratamos com um espaço situado na periferia de Ocidente – seio epistemológico e hegemónico do conhecimento legítimo – e (relativamente) das dinâmicas capitalistas.

Desta forma pretende-se estabelecer coordenadas epistemológicas e ideológicas tendo em conta determinadas noções geopolíticas, partindo da hipótese de que existe um certo conservadorismo no saber académico (TORRES, 2011) e revisando conceitos eurocentrados e ecos neocoloniais. Tentar-se-á assim estar em disposição de responder criticamente a se as culturas e lugares epistémicos dos povos ex-colonizados são legitimados e em que medida visibilizados ou acessíveis no projeto e produto eurocêntrico da modernidade.

Os principais elementos de questionamento, presentes em maior ou menor medida na teorização pós-colonial e nos Estudos do subalterno focam a rejeição dos legados cognoscitivos e socioculturais do colonialismo, como é o caso do eurocentrismo, considerado uma postura

2 Pierre Bourdieu (1984, p. 113) trata a noção de campo como “Les champs se présentent à l’appréhension synchronique comme des espaces structurés de positions (ou de postes) dont les propriétés dépendent de leur position dans ces espaces et qui peuvent être analysées indépendamment des caractéristiques de leurs occupants (en partie déterminées par elles)”.

epistémica, assim como a indagação no interior das conexões entre poder, conhecimento e distribuição territorial do mundo, com Europa como centro. Entram também no debate a pretensão de objetividade e universalidade das formas de conhecimentos institucionalizadas como ‘ciências’ no transcurso do processo de submetimento colonial do mundo, assim como o descentramento geocultural do *locus* de enunciação do conhecimento, de ocidente para outros espaços pós-coloniais.

Teóricos como Paulo Medeiros (2012, p.325) apontam como indispensável a recusa da nostalgia europeia e o aceite da realidade pós-colonial de uma Europa que se deve repensar a si mesma, rejeitando dicotomias metodológicas entre colonizador e colonizado, assumindo-se pós-imperial. Por sua parte, Ana Mafalda Leite, ao falar da função do/a académico/a como produtor/legitimador, a académica refere-se que:

A questão prende-se antes com a responsabilidade do académico que, ao garantir ao subalterno “uma subjetividade” expressiva, acaba por promover deliberadamente a sua subalternidade, na medida em que a sua representação consiste na sua substituição e exotização, mais uma vez no seu silenciamento, ou na sua total irrepresentabilidade e ausência. (LEITE, 2018, p. 23)

Os desafios e ambições dos Estudos Pós-Coloniais, e as suas variantes, enfrentam enormes contradições. Referimo-nos à ideia duma subalternidade de todo o saber produzido fora da Europa, a uma “ignorância assimétrica” que caracteriza as relações entre o conhecimento surgido no Primeiro e no Terceiro Mundo. Stuart Hall (2003) opina que “se uma suposta reencenação das narrativas desloca a ‘estória’ da modernidade capitalista de seu centramento europeu para suas ‘periferias’ dispersas em todo o globo”, é o centro europeu que continua, ainda assim, a assumir o lugar matricial e nuclear do pensamento pós-colonial.

2. Diplomacia cultural: os olhares do Outro

É também precisa uma outra forma de funcionamento do poder e da sua relação com a produção de conhecimento: a diplomacia cultural. Se entendermos que a diplomacia cultural, atuando no intercâmbio de ideias e informação, é fundamental para a compreensão mútua dos povos e nações, veremos como, em termos de cultura, se configuram as relações entre sistemas e se aplicam – em caso positivo – conceitos implícitos no quadro teórico deste âmbito, como, mesmo, o diálogo efetivo.

Examinando concretamente o caso da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) vemos como a diplomacia cultural, sendo a cultura uma das principais cartas de apresentação de um país, tem um papel fundamental dentro das relações internacionais, influenciando tanto na forma em que outros o vêem, como nas formas nas quais se constrói a si mesmo. A diplomacia cultural pode ser proveitosa enquanto o conhecimento do Outro for mútuo e básico para uma política eficaz, e propiciando um diálogo que implique equidade entre os espaços que participam do mesmo.

Nesta sequência, em ocasiões as declarações ficam bem aquém das realidades. A CPLP, por exemplo, define-se como “foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros” (CPLP, 2021). Criada em 17 de julho de 1996, rege-se pelos princípios da:

[...] igualdade soberana dos Estados membros; não-ingerência nos assuntos internos de cada estado; respeito pela sua identidade nacional; reciprocidade de tratamento; primado da paz, da democracia, do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça social; respeito pela sua integridade territorial; Promoção do desenvolvimento; promoção da cooperação mutuamente vantajosa. (CPLP, 2021)

No entanto e contrariamente a estes desafios, Elias Torres (2013, p. 172) salienta a complexidade do mundo lusófono (já o uso desta denominação introduz ruídos, como é sabido) pela sua assimetria histórica, social, económica e cultural para propor que esta leva consigo ecos imperiais ou neocoloniais.

Sobre a base destas orientações, perguntamo-nos, portanto, aqui, em termos de intersistema e focando o âmbito dos estudos académicos, se existe uma massa crítica estudando Moçambique e, atendendo também aos desafios descolonizadores e descentralizantes dos Estudos Pós-Coloniais, se visa minimizar tendências e relacionamentos hegemónicos.

3. Corpus: fixação e gestão

A elaboração do corpus objeto da presente análise consistiu na procura e reunião numa base de dados de textos académicos que estudem os textos literários moçambicanos, incluindo artigos, livros, teses de doutoramento, mestrado e licenciatura. Concretamente neste espaço, centrar-nos-emos na análise dos artigos produzidos por académicos/as.

Empregou-se o Software de gestão bibliográfica *JabRef* como ferramenta, tanto de compilação quanto de classificação, incluindo o tipo de suporte do texto académico; o título; o nome do/a autor/a, a origem e a instituição à qual pertencem; ano, editora ou organismo de publicação e, se existir, o link de acesso à mesma. A ver com o conteúdo, foram incluídos um resumo e cinco palavras chave.

Dentro da pesquisa de textos académicos consultamos as principais bases de dados mundiais para obtermos informação confiável e o mais exaustiva possível. É o caso do Catálogo Mundial de informação sobre coleções bibliotecárias *WorldCat*, as plataformas de colaboração e publicação académica *Research-gate* e *Academia.edu* e a base de dados sobre literatura moçambicana elaborada pela Cátedra de Português da Universidade Eduardo Mondlane. Nos três primeiros casos, utilizamos como palavras chave: “literatura moçambicana” (em português, espanhol e inglês pelo primeiro serem língua oficial em Moçambique e no intersistema lusófono e pelos dois últimos serem as duas línguas de maior presença no âmbito académico ocidental) e o par “Moçambique literatura” como variante.

Fixamos como período cronológico da publicação ou elaboração dos textos que fazem parte do corpus textos académicos publicados entre 1975 e 2017. Quer dizer-se desde a independência moçambicana a constituição de Moçambique como estado-nação dentro do continente africano com incipiente capacidade de produção académica interna e objeto de atenção como nova realidade sociopolítica, e um termo *ad quo* suficientemente alargado e, ao mesmo tempo, confiável para determinar todo o seu corpus de modo exaustivo. Foram assim 150 artigos académicos publicados em diversas revistas académicas.

4. Resultados: estatísticas e descrição das estatísticas.

Sobre esse volume total, as seguintes tabelas mostram os resultados obtidos.

Tabela 1. Ano das publicações

Ano	Nº de publicações
1975	1
1977	1
1980	1
1985	1
1986	1
1988	1
1989	4
1995	1
1996	2
1998	1
1999	5
2000	3
2002	3
2003	1
2004	3
2005	6
2006	1
2007	3
2008	4
2009	12
2010	9
2011	17
2012	9
2013	12
2014	11
2015	14
2016	7
2017	16

Fonte: elaboração própria

Tabela 2. Origem dos/as acadêmicos/as

País	Nº de acadêmicos/as
Brasil	76
Moçambique	18
Portugal	10
Espanha	2
França	2
Angola	1
Colômbia	1
Itália	1
Áustria	1
República Checa	1
Alemanha	1
Estados Unidos	1
Reino Unido	1

Fonte: elaboração própria

Tabela 3. Origem das instituições

Origem das universidades	Nº de universidades
Universidades brasileiras	45
Universidades portuguesas	5
Universidades moçambicanas	4
Universidades estadunidenses	4
Universidades espanholas	3
Universidades francesas	2
Universidades angolanas	1

Fonte: elaboração própria

Tabela 4. Origem das revistas acadêmicas

Origem das revistas	Nº de revistas
Revistas brasileiras	39
Revistas moçambicanas	5
Revistas portuguesas	5
Revistas francesas	5
Revistas espanholas	4
Revistas estadunidenses	2
Revistas polacas	1
Revistas da África do Sul	1

Fonte: elaboração própria

Tabela 5. Revistas registradas.

Nome das revistas	Nº de artigos publicados	Origem
<i>Via Atlântica</i>	22	Brasil
<i>Mulemba</i>	12	Brasil
<i>Diadorim</i>	5	Brasil
<i>Nau Literária</i>	5	Brasil
<i>Crioula</i>	5	Brasil
<i>RILP-Revista Integral em Língua Portuguesa</i>	3	Brasil
<i>Buala</i> ³	3	Moçambique
<i>Cadernos CESPUC</i>	3	Brasil
<i>Navegações</i>	3	Brasil
<i>Tempo</i>	3	Moçambique
<i>Luzo-Brazilian</i>	3	Estados Unidos
<i>Udwizi</i>	2	Moçambique
<i>Diacrítica</i>	2	Brasil
<i>Lattitudes</i>	2	França
<i>Itinerários</i>	2	Polónia
<i>E-Scrita</i>	2	Brasil
<i>Crítica Cultural-Palhoça</i>	2	Brasil
<i>Colóquio/ Letras</i>	2	Portugal
<i>África- Arte y Literatura</i>	2	Brasil
<i>Abriu</i>	1	Espanha
<i>Álabe</i>	1	Espanha
<i>Ambivalências</i>	1	Brasil
<i>Annales. Histoire, Sciences Sociales</i>	1	França
<i>Research in African Literatures</i>	1	Estados Unidos
<i>Caligrama</i>	1	Brasil
<i>Cerrados</i>	1	Brasil
<i>Conexão Letras</i>	1	Brasil
<i>Consortium Erudit</i>	1	França
<i>Contra Corrente</i>	1	Brasil
<i>Forma Breve</i>	1	Portugal
<i>Gragoatá</i>	1	Brasil
<i>Grial</i>	1	Espanha
<i>Horizonte</i>	1	Brasil
<i>Horizontes Antropológicos</i>	1	Brasil

3 Consideramos estas revistas/blogues (*Buala* e *Tempo*) porque, participada por estudosas/os da literatura moçambicana, preenche um espaço académico no espaço social moçambicano.

<i>Revue de littérature comparée-Klincksieck</i>	1	França
<i>Kronos</i>	1	África do Sul
<i>Letras & Letras</i>	1	Brasil
<i>Límite: revista de estudos portugueses</i>	1	Espanha
<i>Literatas</i>	1	Moçambique
<i>Litterata</i>	1	Brasil
<i>Moara</i>	1	Brasil
<i>Diogène</i>	1	França
<i>Revista brasileira de Historia e Ciências Sociais</i>	1	Brasil
<i>Revista PUCRS</i>	1	Brasil
<i>Fórum Identidades</i>	1	Brasil
<i>Inhumanas</i>	1	Brasil
<i>Revista do Centro de Estudos Portugueses-UFGM</i>	1	Brasil
<i>Revista do NEPA/UFF</i>	1	Brasil
<i>Graphos</i>	1	Brasil
<i>Língua & Literatura</i>	1	Brasil
<i>Revista Lusófona de Estudos Culturais</i>	1	Portugal
<i>Sociedade e Estado</i>	1	Brasil
<i>Teografias</i>	1	Portugal
<i>Terceira Margem</i>	1	Brasil
<i>Terra Roxa e Outras Terras</i>	1	Brasil
<i>Todas as musas</i>	1	Brasil
<i>Verbum</i>	1	Brasil

Fonte: elaboração própria

Estas tabelas esclarecem que o Brasil mostra um interesse relevante e continuado pelo estudo da literatura moçambicana sendo, em grande parte, o seu peso demográfico e a quantidade de instituições académicas o que justifica essa hegemonia. Salientamos a baixa presença de espaços de publicação em Portugal levando em conta a magnitude do campo académico do país europeu, as relações históricas com Moçambique e os próprios objetivos marcados pela CPLP. No caso moçambicano, a baixa cifra pode ser explicada com a falta de meios das instituições universitárias do país.

Tabela 6. Impacto das revistas acadêmicas

Revista	ICDS	Indexada em <i>Scopus</i>	Indexada em <i>Arts & Humanities</i>
<i>Colóquio/Letras</i>	11	Sim	Sim
<i>Luso-Brazilian</i>	11	Sim	Sim
<i>Research in Africa Literature</i>	11	Sim	Sim
<i>Revue de littérature comparée-Klincksieck</i>	11	Sim	Sim
<i>Annales</i>	10	Sim	Não
<i>Sociedade e Estado</i>	10	Sim	Não
<i>Caligrama</i>	10		Não
<i>Horizontes Antropológicos</i>	9,9	Sim	Não
<i>Via Atlântica</i>	9,9	Não	Não
<i>Límite</i>	9,6	Não	Não
<i>Alabe</i>	9,5	Não	Não
<i>Abriu</i>	9,4	Sim	Não
<i>E-escrita</i>	9,4	Não	Não
<i>Itinerários</i>	7,9	Não	Não
<i>Revista brasileira de História & Ciências Sociais</i>	7,5	Não	Não
<i>Diogène</i>	6,5	Não	Não
<i>Grial</i>	6,5	Não	Não
<i>Kronos</i>	6,5	Não	Não
<i>Diacrítica</i>	6,5	Sim	Não
<i>Diadorim</i>	6,3	Não	Não
<i>Terra Roxa e Outras Terras</i>	6,3	Não	Não
<i>Navegações</i>	6,1	Não	Não
<i>Revista do Centro de Estudos Portugueses</i>	4,5	Não	Não
<i>Graphos</i>	4,4	Não	Não
<i>Cerrados</i>	4,3	Não	Não
<i>Ambivalências</i>	3,9	Não	Não

Fonte: catálogo miar.edu e elaboração própria

Como mostra a tabela 6, atendeu-se ao índice ICDS (Índice Composto de Difusão Secundária) estabelecido pela Matriz de Informação par a Análise de Revistas (MIAR) e à presença em duas das bases de dados bibliográficas mais relevantes nesta área (*Scopus e Arts & Humanities*) como indicadores para avaliar a importância relativa das revistas. Vemos que as revistas de maior impacto são europeias e estadunidenses (só assistimos a dois casos de revistas brasileiras) o que nos pode leva a pensar numa maior difusão e legitimação do conhecimento produzido em Ocidente.

Tabela 7. Temas tratados nos artigos acadêmicos.

Temas	Nº de artigos em que se tratam
História e memória (colonização e descolonização)	32
Nação e Identidade	18
Oralidade	14
Feminismo	12
Estética literária	8
Negritude	7
Etnicidade e multiculturalismo	6
Oceano Índico	5
Alteridade	5
Problemática social (fome, violência e medo)	5
Onírico	4
Cânone literário moçambicano	3
Cosmopolitismo e tradição	3
Jornalismo	2
Literatura Infantojuvenil	1

Fonte: elaboração própria

A listagem dos temas tratados foi elaborada em base aos resumos e palavras-chave de cada artigo. Chamamos a atenção para os artigos que tratam sobre a condição da mulher moçambicana, uma tendência que foi em aumento a partir de 2005 através do estudo das obras de Paulina Chiziane, segundo os resultados da base de dados. É também importante a presença do Oceano Índico nos textos literários como sintoma de multiculturalidades e hibridismos. Neste sentido, a aparição desta temática em 2013 por parte de acadêmicos/as como Nazir Ahmed Can ou a italiana Jessica Falconi numa revista portuguesa, a *Diacrítica*, pode indicar uma viragem intercultural não eurocêntrica.

Tabela 8. Autores/as mais estudados/as

Autores/as dos textos literários	Nº de artigos nos que são estudados
Mia Couto	28
Paulina Chiziane	26
José Craveirinha	16
Ungulani Ba Ka Khosa	8
João Paulo Borges Coelho	7
Noémia de Sousa	6
Isaac Zita	3
Luis Bernardo Honwana	2
Eduardo White	2
Aldino Muianga	2

Helder Faife	2
Sangare Okapi	2
Glória de Sant'Anna	2
Rui Knopfli	2
Carneiro Gonçalves	1
Sebastião Alba	1
Lina Magaia	1
Rui Nogar	1
Campos de Oliveira	1
Nelson Saúte	1
Lilia Momplé	1
Luís Carlos Patraquim	1
Virgílio de Lemos	1
Lica Sebastião	1
Francisco Noa	1
Emmy Xy	1

Fonte: elaboração própria

Tabela 9. Obras mais estudadas.

Obras estudadas	Nº de artigos que as estudam
<i>Niketche</i>	10
<i>Ventos do apocalipse</i>	6
<i>Terra Sonâmbula</i>	4
<i>Ualalapi</i>	3
<i>Vinte e Zinco</i>	3
<i>Karingana ua Karingana</i>	3
<i>Balada de amor ao vento</i>	2
<i>O Olho de Hertzog</i>	2

Fonte: elaboração própria

5. Discussão de resultados

Para uma discussão efetiva dos resultados apresentados podemos estabelecer uma periodização que delimite eventuais fases desde 1975 até 2017.

Desde 1975 até o começo do milênio o número de publicações era baixo, em consonância com uma época convulsa da história moçambicana, como é a da Guerra Civil. Cabe assinalar que nesta época a maior parte das publicações está constituída por antologias literárias e esboços de histórias literárias moçambicanas. A respeito disto, sendo o momento imediatamente posterior á independência do país faz sentido que as publicações tencionem a consolidação dum cânone literário nacional.

Também abunda o estudo da poesia, nomeadamente mediante os nomes de Eduardo White, Isaac Zita e José Craveirinha. O nome de Mia Couto, o autor moçambicano mais estudado, não aparece na base de dados até 1996 na revista *Luso-Brazilian*, da mão de um português da Universidade de Massachusetts. Este dado revela-nos os inícios de um processo de consagração e legitimação da obra de Couto já no cenário internacional, derivado da publicação da sua obra da mão de editoras como a brasileira *Companhia das Letras* ou a portuguesa *Caminho*, que publica em 1987 a coletânea de contos *Vozes Anotecidas* e em 1992 o romance *Terra Sonâmbula*. Aliás, de forma contrária ao que é comum na generalidade deste período (segundo o corpus utilizado), este período de tempo caracteriza-se por abranger revistas de alto impacto, como a *Colóquio/Letras*, *Via Atlântica*, e a já citada *Luso-Brazilian*.

Por outro lado, detetamos os inícios duma tendência presente na totalidade da base de dados: a da existência de publicações sobre teoria pós-colonial aplicada ao território moçambicano por parte de académicos/as de países não lusófonos, nomeadamente europeus e de fala inglesa ou francesa.

Se (lembremos: sempre com fundamento nas bases de dados utilizadas) a presença portuguesa foi até o início do milénio relativamente frequente, entre 2000 e 2005 desaparece quase ao completo, provavelmente marcando uma tendência para a ocultação ou não superação do passado colonial, acentuando assim as citadas assimetrias históricas. É neste período em que o Brasil começa a interessar-se crescentemente pelo estudo da literatura moçambicana, incluindo tanto os/as académicos/as como as instituições e revistas brasileiras. Aliás, este fenómeno continua a ser constante se avançarmos na cronologia da base de dados. Um fato histórico-político que pôde motivar este diálogo entre Brasil e Moçambique foi a promulgação, no primeiro ano do Governo Lula, em 2003, da lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africanas nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio. A obrigatoriedade no ensino médio leva-nos ao potencial desenvolvimento das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Ensino Superior. Assim, algumas revistas de alto impacto no mundo académico, como as brasileiras *Horizontes Antropológicos* e *Via Atlântica* abrem caminho ao estudo da literatura moçambicana nesta etapa.

Mia Couto consolida-se e emerge Paulina Chiziane dando entrada aos estudos feministas sobre a literatura moçambicana em Moçambique. Temas frequentes nos artigos são o sonho, a utopia, a alteridade e a oralidade. Estas temáticas, como no caso anterior, podem ter a ver com a necessidade de construção e repensamento do país, atendendo a gêneros como o do conto como elemento representativo da cultura oral tradicional moçambicana.

O período que abrange os anos compreendidos entre 2005 e 2010 supõe uma diversificação em vários sentidos, assim como um aumento de publicações muito considerável. A temática encaminha-se para a aparição de discursos identitários na ficção moçambicana de modo mais marcado que em períodos anteriores. A história e a memória também são temas recorrentes mediante nomes como os de Mia Couto ou Ungulani Ba Ka Khosa e a obra de Paulina Chiziane continua a abrir espaços para o estudo da questão feminista em Moçambique.

No relativo aos espaços, se tanto Portugal como a instituições portuguesas continuam sendo uma minoria, o Brasil consolida-se e os/as acadêmicos/as moçambicanos/as, frequentemente mediante revistas brasileiras, atingem uma relativa voz no campo acadêmico.

Ressaltamos em última instância dois dados relevantes: que este é o período em que a curva da produção acadêmica se dispara, fundamentalmente por causa do labor de instituições acadêmicas e acadêmicos/as do Brasil (provável efeito das medidas dos governos de Lula?); e, convém esclarecer, que em territórios não lusófonos, destacando-se a França, os temas tratados mantêm o debate teórico pós-colonial. Isto é, em detrimento do estudo de obras ou autores concretos, tende-se a fazer um estudo global da literatura como espelho a situação pós-colonial e neocolonial de Moçambique.

Entre 2011 e 2016 destaca a entrada denovos nomes a respeito dos/as autores/as, como Lina Magaia, Lilia Momplé, Nelson Saúte ou Sangare Okapi e também das revistas, como a *Kronos*, da África do Sul, e outras dos Estados Unidos. As temáticas centram-se na memória no estudo do imaginário pós-colonial com foco na multiculturalidade em relação com a identidade.

O ano que fecha a cronologia estabelecida nesta base de dados, 2017, é um dos que mais artigos acadêmicos recolhe. O constante estudo sobre a obra de Luís Bernardo Honwana, Mia Couto ou Paulina Chiziane confirma-os como consagrados dentro do sistema literário moçambicano e os repertórios que mais interessam giram em torno à outredade, à violência e à identidade.

Adentramo-nos a seguir na análise dos resultados, nos interesses dos territórios presentes no corpus delimitado, dentro e fora do intersistema lusófono.

6. O olhar intersistémico

O Olhar africano

O olhar Africano, provindo ou não dos PALOP, é assunto complexo. Desde precariedades materiais e de recursos até situações de indiferença, proximidade diferente e de índole diversa (física, afetiva, política...) podem explicar os modos de atenção e relacionamento. Os acadêmicos/as moçambicanos/as interessam-se por temas como a oralidade, o multiculturalismo, a moçambicanidade como identidade, o realismo e a violência. Além disso, publicam, geralmente, em revistas moçambicanas e brasileiras de baixo impacto, o que, suspeitamos, resta legitimação e, sem dúvida, divulgação ao seu discurso. Com mais uma consequência: o desconhecimento externo dos interesses e perspectivas do mundo acadêmico moçambicano sobre a produção literária do seu país, sem possibilidade de condicioná-lo, por um lado, e chegar, mesmo em algum caso, a contra-arrestá-lo.

Há mais alguma conclusão relevante: ao menos no caso do sistema literário moçambicano, África e, mais em concreto, os PALOP não estudam o caso moçambicano, obviando a

possibilidade de alicerçar um intersistema africano e, mais especificamente, um intersistema africano de língua portuguesa, mostra, aliás, duma relevante incomunicação académica. Tudo o qual mostra carências notáveis em termos de diplomacia cultural e no relacionamento entre os Países Africanos de Língua Oficial portuguesa, talvez espelho ou correlato duma falta de consistência real do conjunto PALOP.

Estes resultados vêm ao encontro das afirmações da académica são-tomense Inocência Mata quando fala duma “natureza recente e por vezes ambígua das instituições do saber nas sociedades africanas” e aponta que “sendo estas sociedades eminentemente ágrafas e emergentes da situação colonial (...) padecem de um constrangimento que diz respeito ao facto de o homem africano continuar a ser objeto e raramente sujeito do conhecimento científico” (MATA, 2006, p. 34). Assim, a inexistência ou não acesso a textos académicos produzidos nos PALOP, pode estar indicando a persistência deste continente numa situação periférica a respeito da produção do conhecimento.

O olhar português

Se bem o país europeu conta com revistas com ICDS elevados e com instituições de cultura com visibilidade internacional, o interesse por Moçambique no mundo académico, segundo os resultados desta pesquisa, é baixo em todos os sentidos. Algum sintoma disto é que uma parte dos/as académicos/s portugueses publicam em revistas estrangeiras, como é o caso da *Luso-Brazilian* ou a *Latitude*.

Circunscrevendo-nos às bases de dados utilizadas, podemos afirmar que as carências são óbvias e é provável que o desinteresse por Moçambique evidencie alguns ecos neocoloniais nos estudos literários portugueses. Seria, porém, preciso um trabalho de campo particular junto do mundo académico português, embora, no conjunto, tudo pareça apontar para, entre outros fatores, certo pudor ou retraimento ainda presidido pela condição lusa de país colonizador. Podemos constatar assim a hipótese sobre a escassa achega que, em termos de diplomacia cultural portuguesa em relação às suas ex-colónias, o campo académico luso apresenta, não contribuindo para reduzir as assimetrias históricas provocadas pelo processo de colonização. Tem afirmado Torres (2013) que a presença africana em historiografias literárias portuguesas desaparece após o período das independências; em concreto, no mais conhecido manual de literatura portuguesa na esfera universitária, a *História da Literatura Portuguesa* de António J. Saraiva e Óscar Lopes acontece como se uma dívida fosse satisfeita em edições imediatamente posteriores ao 25 de Abril e o subsequente passo fosse obviar o estudo dessa nova realidade nas edições seguintes, por complexas razões, mas todas elas vinculadas ao passado colonial. Alfredo Margarido já se tinha referido: “o discurso lusófilo atual limita-se a procurar dissimular, mas não a eliminar, os traços brutais do passado” (2000, p. 76). Pode ver-se, por exemplo, essa intenção relativista na argumentária que suporta a teoria do “neolusotropicalismo”.

Poder-se-ia explicar assim uma possível existência de ecos neocoloniais ainda presentes na forma em que Portugal encara e se relaciona com a cultura moçambicana, sim, mas, talvez também, a tentativa de evitar mal-entendidos.

O olhar do Brasil

Constatamos, em base aos resultados obtidos, que no Brasil se encontra a maior massa crítica estudando a literatura moçambicana, estando esta presente na maior parte das universidades brasileiras. O começo do século XXI marca uma forte entrada de estudiosos/as brasileiros/as no campo dos estudos literários moçambicanos, fato que se pode explicar, entre outros fatores, em base a que África e Brasil compartilham o facto de serem “territórios marcados por uma profunda e complexa tensão entre elementos genuínos e elementos impostos pela colonização” (FONTANA, 2007, p. 21). Os textos visam a quebra de preconceitos e paradigmas e, em concreto, Maria Zilda da Cunha chama a atenção para o fato de a temática da prosa regionalista dos anos 30, representada por Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós e José Lins do Rego, ter possibilitado o diálogo entre o Brasil e o continente Africano. Para a autora “A denúncia das desigualdades sociais que caracteriza o repertório brasileiro funcionou como espécie de senha para que recaísse sobre eles a preferência não só dos moçambicanos, mas também dos angolanos e cabo-verdianos” (CUNHA, 2009, p. 86). Referimo-nos neste sentido às constantes comparações constatadas na base de dados com autores/as como Conceição Evaristo, escritora negra que aborda em suas obras temas como a discriminação de raça, gênero e classe, ou Guimarães Rosa, continuamente comparado com Mia Couto pelo uso de neologismos e o tratamento do mundo regional.

Neste sentido de materialização das intenções de cooperação e diálogo entre as comunidades lusófonas, destaca mais uma vez o Brasil com a criação em 2008, da UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Nestes termos, retomando algumas hipóteses colocadas a respeito da diplomacia cultural dentro da lusofonia, vemos como o caso Brasileiro, dentro dos estudos moçambicanos, representa um avanço para um diálogo efetivo, minimizando uma excessiva nacionalização dos estudos, ou tendências hegemónicas.

Em concreto e em termos temáticos, a produção académica brasileira reforça os laços históricos entre a África e o Brasil com constantes comparações entre autores/as brasileiros/as e moçambicanos. Os artigos tratam questões de desigualdades sociais, de subalternidade e descolonização. Um outro tema constante é o do estudo a oralidade e do gênero do conto, fato que, podendo funcionar como estratégia de exotização, tende, segundo os conteúdos aos quais pudemos aceder, a resgatar traços na cultura africana no Brasil.

Mia Couto é o autor mais estudado, não só no caso brasileiro, mas também no português e no externo à lusofonia. Isto é, um escritor de um país periférico e, portanto, na periferia do sistema literário brasileiro, desloca-se para o centro do mesmo mediante determinadas estratégias de legitimação, como a já citada publicação numa das editoras portuguesas mais importantes, ou a atribuição do Prémio Camões em 2013. Assim, Mia Couto passa a ter um lugar central dentro do sistema literário lusófono, fato que se evidencia em, tanto ele como a sua obra aparecerem com o maior número de textos académicos relativos que o/a estudam.

O olhar não-lusófono

Pode que por causa do surgimento dos Estudos Pós-coloniais durante a década de 80, as publicações de autores não lusófonos sobre literatura moçambicana tenham começado já nestes anos, salientando nomes como o de Russell Hamilton e Patrick Chabal em contextos como o Reino Unido e os Estados Unidos. Embora o número de resultados seja muito baixo, detetamos que nas universidades não lusófonas o estudo de Mia Couto e as obras *Terra Sonâmbula* e *Vozes Anoitecidas* é o relativamente maioritário. Porém, não é frequente o estudo de autores/as ou obras concretas, mas sim as publicações sobre teoria pós-colonial aplicada aos espaços africanos de língua portuguesa, seguindo linhas de problematização identitária dos Estudos Pós-Coloniais, o estudo da Outredade e do hibridismo como fatores determinantes na produção literária moçambicana.

Resulta evidente, por laços culturais e históricos, que os espaços não lusófonos não mostrem especial interesse na literatura moçambicana, mas sim que detetamos uma presença notável em universidades dos Estados Unidos, do Reino Unido e, nomeadamente, na Espanha e na França, podendo ser isto explicado por uma maior dedicação às teorias pós-coloniais pelo fato, no caso destes dois últimos países, de ter sido potências coloniais europeias.

Conclusões e propostas

Dentro do intersistema lusófono, o Brasil tem um grande interesse pela produção literária moçambicana no âmbito académico. Desde este país as temáticas focam um relacionamento cultural que retoma uma história comum, ressaltando as consequências da colonização, as desigualdades sociais, o racismo, a negritude e o feminismo. Neste sentido, os/as académicos/as brasileiros/as estão abrindo lugar à literatura moçambicana em seu sistema literário, estudando e, portanto, legitimando neste determinadas obras e importando repertórios culturais moçambicanos que, ao mesmo tempo, também alimentam os interesses culturais próprios do Brasil.

No caso do campo académico português, este aparece ainda dependente de posições políticas e históricas que mostram ecos/atitudes neocoloniais. A diplomacia cultural baseada no equilíbrio e no diálogo entre comunidades que estabelecia a CPLP não se cumpre. A pouca presença de estudos sobre literatura moçambicana pode indicar algumas tendências de ocultamento do passado colonial que já têm sido apontadas por vários estudiosos, como é o caso de Jorge Dias (1995), Eduardo Lourenço (1982) ou José Gil (2007), que apontam para um certo traumatismo que passado o tempo se pode interpretar como um medo neocolonial na sociedade portuguesa ante a perda das colónias. A academia, lugar adequado para o repensamento do imaginário pós-colonial e neocolonial, no caso português, provavelmente pela dificuldade de superação de assimetrias históricas e relações coloniais, encara uma realidade pós-colonial como a moçambicana sem apresentar sintomas de fomentar uma autonomia da mesma.

Ainda, aludindo à produção académica fora do intersistema lusófono, o estudo da literatura moçambicana tem alguma presença dentro dos Estudos Pós-Coloniais europeus

(nomeadamente anglófonos e francófonos) e norte-americanos, cuja tendência temática insiste na problematização da identidade e da coesão nacional. Ademais, nestes territórios encontramos as revistas com maior impacto e, portanto, possuidores duma maior capacidade de legitimação do conhecimento. Isto supõe que seria Ocidente quem se apresenta como o sujeito que oferece modelos e repertórios, fato que pode desembocar numa certa dependência de moldes ocidentais no país africano à hora de encarar as suas problematizações nacionais.

A respeito de Moçambique evidenciamos, em base aos resultados, além de uma escassez de produções dentro da academia moçambicana, explicáveis por fatores sociais e económicos influenciando nas dificuldades de criação de um tecido académico no país africano, certa tendência para depender de agendas académicas externas que, talvez, importância aos interesses e perspectivas vindas do próprio país africano.

Embora fora do âmbito analítico em que devemos mover-nos não queremos deixar de apontar a sugestão de que, se bem os textos literários codificam diversas informações culturais, dentro do estudo da literatura moçambicana, docentes e investigadores/as académicos/as doutras áreas que não a moçambicana, bom será que atendam não só a leitura e recepção que os/as docentes e investigadoras/es moçambicanos valoram. Isto é, seria valioso aplicar noções próprias da diplomacia cultural ao mundo académico, propondo interações entre docentes e académicos moçambicanos/as com outros/as de diversas latitudes, analisando diversos interesses, sendo assim uma boa forma de dar voz a este espaço, podendo evitar na imposição de uma determinada epistemologia á hora de estudar uma literatura e a sua cultura.

Portanto, ante a pergunta de se existe uma constante eurocêntrica no estudo da literatura moçambicana, os nossos resultados esclarecem um possível sim, intuindo que a produção do conhecimento, face às pretensões desconstrutivistas dos Estudos Pós-Coloniais, continua centrada em Ocidente.

As constatações anteriores conduzem a uma necessária reorientação dos estudos académicos europeus se se pretender obliterar o peso eurocêntrico e neocolonial, mesmo que conscientemente rejeitado. Trata-se de abrir passo a novas categorias epistemológicas, da consciência de que a ocidental está marcando as linhas do debate intelectual africano, ao mesmo tempo que não oferece (provavelmente, também por aplicação de critérios de qualidade ocidentais) espaços a vozes destes territórios e, portanto, possibilidades de que aquele conhecimento seja legitimado. Poderão evidenciar-se assim interesses e perspectivas do âmbito primário de produção desses textos e de quem participa, direta ou indiretamente, do mesmo espaço social que os/as autores/as que produzem os textos estudados.

Em termos epistemológicos, a fórmula, ao menos complementar, é simples e convém abordá-la decididamente em relação à produção literária moçambicana: perguntar-se quais os interesses da sociedade leitora moçambicana, que pode ver-se refletida nos mesmos trabalhos que estudantes e investigadoras/as moçambicanas/os produzem. E, um pouco além, abrir passo, ultrapassando as coerções e classificações habituais do capitalismo académico ocidental (por exemplo, na publicação em determinadas revistas) à audiência dos/as colegas africanos/as. E maior contato entre estudantado e académicos/as de Moçambique e de fora de Moçambique.

A produção acadêmica moçambicana sobre literatura moçambicana é relativamente pouca em relação com produções doutras latitudes, se nos ativermos à que circula em livros ou revistas como as constantes das bases de dados analisadas. Mas podemos recorrer a outras fontes acadêmicas que permitam ilustrar melhor a ‘agenda moçambicana’ nesta esfera de conhecimento e permitam entender melhor as perspectivas e interesses a que aludíamos. Assim, e ainda não sendo objeto deste artigo, temos constatado algumas diferenças substantivas ao compararmos corpora diferentes aos aqui utilizados. Em concreto, recorrendo às teses de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane, que permitem espelhar as prioridades de docentes e discentes moçambicanos da maior universidade do país.

Tabela 10. Obras focadas nas Teses de licenciatura da UEM

Nome da obra	Número de menções
<i>Ualalapi</i>	16
<i>O Sétimo Juramento</i>	8
<i>Niketché</i>	8
<i>Vozes Anoitecidas</i>	8
<i>A Bíblia dos Pretos</i>	8
<i>Terra Sonâmbula</i>	7
<i>Malangate</i>	7
<i>A Varanda do Frangipani</i>	7
<i>Nos Matámos o Cão Tinhoso</i>	6
<i>Portagem</i>	5
<i>Ventos do Apocalipse</i>	4
<i>Godido</i>	4
<i>Zambeziã-cenas de uma vida colonial</i>	4
<i>Balada de Amor ao Vento</i>	4
<i>O Alegre Canto da Perdiz</i>	3
<i>Meledina</i> (ou a história de uma prostituta)	3
<i>As Visitas do Dr. Valdez</i>	3
<i>Yô Mabalane</i>	3
<i>Karingana ua Karingana</i>	2
‘As mãos dos pretos’	2
<i>Macunaima</i>	2
<i>Olhos Brancos de Farinha de Milho</i>	2
<i>Choriro</i>	2
<i>Ninguém Matou Suhura</i>	2
<i>Xitala-Mati</i>	2

Fonte: elaboração própria

Como pode constatar-se na Tabela 10 (que inclui registros desde que existem, 1996, até, 2013, 186 no total), a hierarquia de obras (e, conseqüentemente, de autoras/es) não é a mesma que tivemos oportunidade de mostrar, havendo atenção preferente a Ungulani Ba Ka Khossa e Paulina Chiziane, autor e autora de pele negra; ou aí assomando a obra de Midó das Dores, *A Bíblia dos Pretos*, de 2008, publicada pela Índico Editores, de que quase não há notícia nos meios extra-moçambicanos.

Em termos epistemológicos, convém lembrar como existe uma tendência, externa, para ver as obras moçambicanas como testemunhos (e autores/as como porta-vozes) de Moçambique,

numa tendência habitual desse tipo de estudos, que se preocupam com extrair informação sobre a realidade do país, o que não costumam fazer-se com outras produções literárias de Ocidente. Essa tendência é legítima, só que assenta, normalmente, no equívoco de fazer equivaler textos e autoras/es focados com os interesses dos/as homólogos/as moçambicanos/as ou, simplesmente, não tendo em conta esses interesses. O resultado é a insuficiência epistemológica e a deformação da realidade que se pretende indagar. E a exclusão, na prática, da realidade e da comunidade que quer ser atendida através dos textos. Novas perspectivas de conhecimento, reconfiguração do ensino e do currículo académico no âmbito universitário, em que o contato direto com outras pessoas pode fazer parte de processos de aprendizagem, aliados a novos meios tecnológicos, e um quadro teórico que albergue a perspectiva ativa dos espaços sociais em que se inserem as produções objeto de estudo podem ser alternativas imediatas e viáveis.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Montessor, 2002.

_____. **Questions de sociologie**. Paris: Éditions de Minuit, 2011.

CPLP. **Comunidade de Países de Língua Portuguesa**. 2021. Disponível em: <<https://www.cplp.org/id-2763.aspx>>. Acesso em: 01 fev.2021.

DIAS, Jorge. **Os elementos fundamentais da cultura portuguesa**. Imprensa nacional: Casa da Moeda, 1995.

DOMINGOS, Wilson. **A herança neocolonial portuguesa em Moçambique: (1885-1975): Desenvolvimento ou estagnação?** Faculdade de Presidente Venceslau, 2013. Originalmente apresentada como conclusão de curso, UNIESP, 2013. Disponível em:<[http://www.pordentroafrica.com/wp-content/uploads/2014/04/UNESP-TCC-Wilson Siqueira-.pdf](http://www.pordentroafrica.com/wp-content/uploads/2014/04/UNESP-TCC-Wilson_Siqueira-.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2021.

FONTANA, Maria Auxiliadora. **Entre a magia da voz e a artesanía da letra: o sagrado em Manoel de Barros e Mia Couto**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2007. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05122007-160327/publico/TESE_MARIA_A_F_BASEIO.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

GASPERINI. L. **Moçambique: educação e desenvolvimento rural**. Roma: Edizioni Lavoro/ISCOS, 1989.

GIL, José. **Portugal, Hoje: O medo de existir**. Relógio D'Água, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. **Cenografias Pós-Coloniais & Estudos sobre literatura moçambicana**. Lisboa: Edições Colibri, 2018.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982.

MARGARIDO, Alfredo. **A lusofonia e os lusófonos: novos mitos portugueses**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2000.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a teoria pós-colonial: um modismo ou uma exigência? **Ipotesi**. Juiz de Fora, v.10, n.1, p. 33-44, 2006.

MEDEIROS, Paulo. 7 passos (para pensar uma Europa pós-imperial). In: LEITE, Ana Mafalda *et al.* **Nação e Narrativa Pós-Colonial I. Angola e Moçambique**. Lisboa: Edições Colibri, 2012, p. 323-338.

RIMBAU, V.; LEITE, A. M. **Cânones e invisibilidades literárias em Angola e Moçambique**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/310/502/2940-1>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

TORRES, Elias J. Estudos literários, confiabilidade e perspectivas laborais. In: Carvalho da Silva *et al.*(org.). **Pensar a Literatura no séc. XXI**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia Universidade Católica Portuguesa, 2011, p. 241-256.

_____. Reorientação dos estudos literários para a aplicabilidade e a transferência: da feitiçaria para a medicina e os capitais em jogo. **Revista UFG**, v.14, n.12, p. 154-173. 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48428/23761>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

_____. Estudos da literatura e da cultura no âmbito da língua portuguesa e diplomacia da cultura: carências e possibilidades. **Revista UFG**, n.14, p. 161-181. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/31411>>. Acesso em: 02 fev. 2021.